



Prefácio

Depoimentos

O relato de Roderick Macrae

Glossário

Relatórios médicos

VIAGENS nas REGIÕES LIMÍTROFES da LOUCURA

O julgamento

Epílogo

Notas históricas e agradecimentos

Autor

Créditos

O moinho funciona melhor quando a pedra de moer foi deixada áspera.

Provérbio das Terras Altas da Escócia

Prefácio

Estou escrevendo a mando de meu advogado, o sr. Andrew Sinclair, que desde minha prisão aqui em Inverness tratou-me com um grau de civilidade que de forma alguma eu mereço. Minha vida foi curta e de pouca relevância, e não tenho vontade de absolver a mim mesmo da responsabilidade pelos atos que cometi ultimamente. Assim, não é por outro motivo senão o de retribuir a bondade de meu advogado comigo que registro estas palavras no papel.

Assim começam as memórias de Roderick Macrae, pequeno agricultor arrendatário de dezessete anos de idade, indiciado sob a acusação de ter cometido três assassinatos brutais em seu vilarejo nativo de Culduie, Ross-shire, na manhã de 10 de agosto de 1869.

Não é minha intenção reter indevidamente o leitor, mas algumas observações preliminares podem fornecer um contexto para o material reunido aqui. Os leitores que preferirem ir direto aos documentos propriamente ditos estão, é claro, livres para fazê-lo.

Na primavera de 2014, embarquei no projeto de descobrir alguma coisa sobre meu avô, Donald “Tramp” Macrae, que nasceu em 1890 em Applecross, menos de cinco quilômetros ao norte de Culduie. Foi durante minha pesquisa no Centro de Arquivos das Terras Altas, em Inverness, que deparei com alguns recortes de jornal que descreviam o julgamento de Roderick Macrae, e com a ajuda de Anne O’Hanlon, a bibliotecária, descobri o manuscrito que constitui a maior parte deste tomo.

Consideradas sob qualquer parâmetro, as memórias de Roderick Macrae são um documento notável. Foram escritas no

cárcere do Castelo de Inverness, aproximadamente entre 17 de agosto e 5 de setembro de 1869, enquanto Roderick aguardava seu julgamento. Foi a existência dessas memórias, e não os assassinatos em si, que tornou este caso uma espécie de *cause célèbre*. As memórias — ou pelo menos suas partes mais sensacionais — foram mais tarde reimpressas em incontáveis livrinhos populares, folhetos baratos do tipo “literatura macabra”, e provocaram grande controvérsia.

Muitos, especialmente entre os letrados de Edimburgo, duvidaram de sua autenticidade. O relato de Roderick fez ecoarem lembranças do escândalo de *Ossian*, ocorrido quando o século XVIII chegava ao fim, no qual James Macpherson alegou ter descoberto e traduzido a grande epopeia da poesia gaélica. Rapidamente, *Ossian* assumiu o status de um clássico da literatura europeia, mas descobriu-se mais tarde que era uma fraude. Para Campbell Balfour, escrevendo na *Edinburgh Review*, era “absolutamente inconcebível que um semianalfabeto camponês fosse capaz de produzir uma escrita tão consistente e eloquente [...] A obra é uma farsa e os que exaltam este assassino impiedoso como uma espécie de nobre selvagem ficarão com o tempo corados de vergonha”.^[1] Para outros, tanto os assassinatos quanto as memórias eram um atestado da “terrível barbárie que continua a prosperar nas regiões setentrionais de nosso país [e que] todos os esforços de nosso dedicado presbitério e as grandes melhorias^[2] das décadas passadas não conseguiram erradicar”.^[3]

No entanto, para outros ainda, os eventos descritos nas memórias tornavam patente a injustiça das condições feudais nas quais o pequeno agricultor arrendatário das Terras Altas continuava a labutar. Tomando o cuidado de não ser leniente em relação às ações cometidas por ele, John Murdoch, que mais tarde estabeleceria o jornal radical *The Highlander*, viu em Roderick Macrae “uma figura levada ao limite de sua razão — ou além — pelo sistema cruel que torna escravos homens que desejam apenas tirar seu sustento honestamente de um pedaço de terra emprestado”.^[4]

Quanto à autenticidade do documento, não é possível, um século e meio depois, dar uma resposta definitiva. É sem dúvida notável que alguém tão jovem conseguisse produzir um relato tão eloquente. Contudo, a ideia de que Roderick Macrae era um “camponês semianalfabeto” é fruto de um preconceito contra o norte, que continuou existindo nas cidades afluentes do Cinturão Central. O currículo da escola primária de Lochcarron, nas proximidades, na década de 1860, registra que crianças eram instruídas em latim, grego e ciências. Roderick provavelmente teve uma educação semelhante em sua escola em Camusterrach, e suas memórias atestam isso, e também o fato de que ele era aluno de talento incomum. O fato de que Roderick *poderia* ter escrito as memórias não prova, é claro, que o tenha feito. Para isso temos a evidência apresentada pelo psiquiatra James Bruce Thomson, cujas próprias memórias atestam que ele viu o documento na cela de Roderick. Os céticos poderiam afirmar (e afirmaram) que Thomson na verdade nunca viu Roderick escrever qualquer coisa, e é preciso admitir que, se a autoria das memórias fosse submetida a um julgamento moderno, a cadeia de evidências não poderia ser totalmente verificada. A ideia de que as memórias foram na verdade escritas por outra mão (sendo o principal suspeito o advogado de Roderick, Andrew Sinclair) não pode ser totalmente descartada, mas exige o elaborado modo de pensar do mais radical teórico da conspiração para se acreditar ter sido esse o caso. E ainda há o conteúdo do próprio documento, o qual contém tal riqueza de detalhes que é muito pouco plausível não ter sido escrito por um nativo de Culduie. Além do mais, o relato que Roderick faz dos eventos que levaram aos assassinatos era, com algumas exceções de pouca importância, muito coerente com a evidência apresentada no julgamento por outras testemunhas. Por essas razões, e tendo examinado o manuscrito pessoalmente, não tenho dúvidas quanto a sua autenticidade.

Em acréscimo ao relato de Roderick Macrae, este livro inclui também as declarações feitas à polícia por vários residentes em Culduie; os relatórios post mortem sobre as vítimas; e, talvez o

mais fascinante de tudo, um excerto das memórias de J. Bruce Thomson, *Viagens nas regiões limítrofes da loucura*, nas quais ele relata como foi o exame a que submeteu Roderick Macrae e uma visita que fez a Culduie na companhia de Andrew Sinclair. Thomson era o cirurgião-residente lotado na Penitenciária Central da Escócia, em Perth, onde ficavam aqueles que, devido à insanidade, não se habilitavam a passar por um julgamento. O sr. Thomson fez bom uso da oportunidade que essa posição lhe auferia, publicando dois influentes artigos — “A natureza hereditária do crime” e “A psicologia de criminosos” — no *Journal of Mental Science*. Era bem versado na nova teoria da evolução e na ainda nascente disciplina da Antropologia Criminal, e embora algumas das ideias expressas possam não ser palatáveis para o leitor moderno, vale a pena ter em mente o contexto no qual foram escritas, e que representam um esforço autêntico para ir além de uma visão teológica da criminalidade, alcançando melhor compreensão do motivo pelo qual certos indivíduos chegam a cometer crimes violentos.

Por fim, incluí um relato do julgamento, extraído da cobertura feita por um jornal da época e do livro *Relato completo do julgamento de Roderick John Macrae*, publicado por William Kay, de Edimburgo, em outubro de 1869.

Não é possível, quase um século e meio depois, saber a verdade por trás dos acontecimentos descritos neste livro. Os relatos aqui apresentados contêm várias discrepâncias, contradições e omissões, mas considerados em conjunto formam um mosaico de um dos casos mais fascinantes na história legal da Escócia. Naturalmente, cheguei a uma opinião própria quanto ao caso, mas deixarei o leitor ou a leitora chegar à sua própria conclusão.

Uma nota sobre o texto

Até onde sou capaz de afirmar, esta é a primeira vez que as memórias de Roderick Macrae são publicadas na íntegra. Apesar

da passagem do tempo e do fato de que por alguns anos elas não foram armazenadas com cuidado, o manuscrito está em condições excepcionalmente boas. Elas foram escritas em folhas soltas e, em algum momento posterior, reunidas e costuradas com tiras de couro, o que se torna evidente pois o texto, na margem interna das páginas, está algumas vezes oculto por essa encadernação. A caligrafia é admiravelmente clara, com apenas muito ocasionais trechos riscados e inícios abortados. Ao preparar o documento para publicação, procurei o tempo todo ser fiel ao sentido do manuscrito. Em nenhum momento tentei “melhorar” o texto ou corrigir formas de expressão ou sintaxe. Tais intervenções, creio, serviriam apenas para lançar dúvida quanto à autenticidade da obra. O que se apresenta é, tanto quanto possível, a obra de Roderick Macrae. Parte do vocabulário empregado pode não ser familiar a alguns leitores, mas, em vez de sobrecarregar o texto com notas de rodapé, optei por incluir um pequeno glossário no fim desta seção.^[5] Vale a pena também salientar que, ao longo das memórias, os nomes reais e os apelidos das pessoas são usados alternadamente — Lachlan Mackenzie, por exemplo, é geralmente referido como Lachlan “Broad”. O uso de apelidos continua a ser comum nas Terras Altas escocesas — ao menos entre a geração mais velha —, provavelmente para distinguir os diferentes ramos dos nomes de família mais comuns. Os apelidos são comumente baseados em profissões ou peculiaridades, mas também podem ser passados entre gerações, a ponto de a origem do nome se tornar um mistério até mesmo para quem o recebe.

Restringi a maior parte de minhas intervenções editoriais a questões de pontuação e à divisão em parágrafos. O manuscrito apresenta um fluxo sem interrupções, salvo, talvez, em momentos nos quais Roderick largou sua pena entre um dia e outro. Tomei a decisão de dividi-lo em parágrafos para melhorar sua legibilidade. Da mesma forma, o texto é em grande parte sem pontuação, ou pontuado excentricamente. Assim, a maior parte da pontuação é minha, porém, reitero, o princípio que me orientou foi o de ser fiel ao original. Se meus julgamentos quanto

a isso parecerem questionáveis, posso apenas indicar ao leitor que consulte o manuscrito, que continua no arquivo de Inverness.

GMB, julho de 2015

Depoimentos

reunidos de vários residentes de Culduie e de suas cercanias pelo oficial William MacLeod, da força policial de Wester Ross, Dingwall, nos dias 12 e 13 de agosto de 1869

Depoimento da sra. Carmina Murchison [Carmina “Smoke”], residente em Culduie, em 12 de agosto de 1869

Conheci Roderick Macrae desde que ele era uma criança. Sempre o achei um menino agradável, e depois um jovem cortês e obsequioso. Acredito que foi muito afetado pela morte da mãe, que era uma mulher encantadora e sociável. Apesar de eu não querer falar mal de seu pai, John Macrae é uma pessoa desagradável, que tratava Roddy com um grau de severidade que não creio qualquer criança mereça.

Na manhã do terrível incidente, falei com Roddy quando ele passou por nossa casa. Não consigo lembrar o conteúdo exato de nossa conversa, mas creio que ele me disse estar a caminho de fazer algum serviço num terreno pertencente a Lachlan Mackenzie. Levava algumas ferramentas, que pensei serem para essa finalidade. Além disso, trocamos algumas observações sobre o clima, que estava bom e ensolarado naquela manhã. Roderick parecia senhor de si e não demonstrava qualquer alteração de comportamento. Algum tempo depois, vi Roddy atravessando a cidade, no caminho de volta. Estava coberto de sangue da cabeça aos pés, e eu saí correndo de minha casa, pensando que ele sofrera algum acidente. Quando me aproximei, ele parou e a ferramenta que carregava caiu de sua mão. Perguntei o que tinha acontecido e ele respondeu sem hesitar que tinha matado Lachlan Broad. Parecia estar bem lúcido e não tentou continuar pela estrada. Pedi a minha filha mais velha que fosse buscar o pai dela, que estava trabalhando num anexo atrás de nossa casa. Ela gritou ao ver Roddy coberto de sangue, e isso fez com que

outros moradores do vilarejo abrissem suas portas e os que trabalhavam em suas lavouras tirassem os olhos do que estavam fazendo. Rapidamente a comoção foi geral. Confesso que nesses momentos meu primeiro instinto foi proteger Roddy dos familiares de Lachlan Mackenzie. Por isso, quando meu marido chegou pedi a ele que levasse Roddy para dentro de nossa casa, e não lhe contei o que tinha ocorrido. Roddy ficou sentado a nossa mesa e calmamente repetiu o que tinha feito. Meu marido mandou nossa filha ir buscar nosso vizinho, Duncan Gregor, para que ele ficasse de guarda, e correu até a casa de Lachlan Mackenzie, onde deparou com a trágica cena.

Depoimento do sr. Kenneth Murchison [Kenny “Smoke”],
pedreiro, residente em Culduie, 12 de agosto de 1869

Na manhã em questão eu estava trabalhando no anexo que fica atrás de minha casa, quando ouvi o rumor de comoção geral em todo o vilarejo. Saí de minha oficina e fui saudado por minha filha mais velha, que estava muito angustiada e incapaz de me informar direito o que tinha acontecido. Corri para o agrupamento de pessoas do lado de fora de nossa casa. Em meio à confusão, minha mulher e eu levamos Roderick Macrae para dentro de nossa casa, acreditando que ele tinha se ferido em algum acidente. Uma vez lá dentro, minha mulher me informou o que tinha ocorrido, e quando perguntei a Roderick se era verdade ele repetiu bem calmamente que era. Eu corri então para a casa de Lachlan Mackenzie e deparei com uma cena terrível demais para ser descrita. Fechei a porta atrás de mim e examinei os corpos procurando algum sinal de vida, mas não havia nenhum. Temendo uma explosão geral de violência caso algum dos parentes de Lachlan Broad botasse os olhos naquela cena, fui para fora e encarreguei o sr. Gregor de ficar de guarda na propriedade. Corri de volta à minha própria casa e levei Roddy de lá para o anexo de trás, onde o confinei, para protegê-lo. Ele não resistiu. O sr. Gregor não conseguiu impedir que os

parentes de Lachlan Broad entrassem na propriedade e vissem os corpos lá. No momento em que eu confinava Roddy eles já tinham formado uma turba sedenta de vingança, e levou algum tempo e alguma persuasão para que ela fosse subjugada.

Quanto ao caráter de Roderick Macrae em geral, não há dúvida de que ele era um rapaz esquisito, mas, se era assim por natureza ou por causa das atribulações que sua família tinha sofrido, não sou qualificado para afirmar. O que ficou evidente de suas ações, no entanto, não fala de uma mente sadia.

Depoimento do reverendo James Galbraith, ministro na Igreja da Escócia, Camusterrach, 13 de agosto de 1869

Temo que os atos vis cometidos recentemente nesta paróquia representam apenas uma bolha na superfície do estado natural de selvageria dos habitantes deste lugar, uma selvageria que só nos últimos tempos a Igreja vem conseguindo conter. A história destas paragens, dizem, está manchada de negros e sangrentos crimes, e sua gente exhibe uma certa rusticidade e indulgência. Não se extirpam traços assim nem em questão de gerações, e apesar de os ensinamentos do Presbitério serem uma influência civilizatória, é inevitável que, de quando em quando, os antigos instintos venham à tona.

Não obstante, é inevitável ficar chocado ao ouvir falar de ações como as que foram cometidas em Culduie. E de todos os indivíduos nesta paróquia, Roderick Macrae é o que menos surpreende como sendo seu perpetrador. Embora esse indivíduo tenha frequentado minha igreja desde criança, sempre senti que meus sermões caíam em suas orelhas como sementes em uma rocha maciça. Tenho de reconhecer que seus crimes representam, em alguma medida, um fracasso de minha parte, mas às vezes é preciso sacrificar um cordeiro pelo bem geral do rebanho. Sempre houve uma malignidade, facilmente discernível, neste rapaz, a qual, lamento dizer, estava além de meu alcance.

A mãe do rapaz, Una Macrae, era uma mulher frívola e dissimulada. Ela frequentava a igreja regularmente, mas temo que confundia a Casa do Senhor com um lugar de encontro social. Eu frequentemente a ouvia cantar em seu caminho de ida e volta para a igreja, e após a missa ela se reunia no adro com outras mulheres e se entregava a conversas e risadas intempestivas. Em mais de uma ocasião fui obrigado a repreendê-la.

Devo, no entanto, dizer uma palavra em favor do pai de Roderick Macrae. John Macrae está entre as pessoas mais devotadas às Escrituras nesta paróquia. Seu conhecimento da Bíblia é extenso e ele é sincero em sua observância religiosa. Contudo, assim como a maioria das pessoas nestas paragens, mesmo quando ele repete como um papagaio as palavras do Evangelho, temo que sua compreensão delas seja fraca. Depois da morte da esposa do sr. Macrae, eu visitava a casa frequentemente para oferecer apoio e oração. Lá, na época, observei que havia muitos sinais de adesão a superstições que não cabem na casa de um crente. Assim mesmo, como nenhum de nós é perfeito, creio que John Macrae é um homem bom e devoto, que não merece ter a carga de uma tão nociva descendência.

Depoimento do sr. William Gillies, professor na escola de
Camusterrach, 13 de agosto de 1869

Roderick Macrae é um dos alunos mais talentosos a quem ensinei desde minha chegada a esta paróquia. Ele superava facilmente seus colegas em sua capacidade de assimilar conceitos em ciências, matemática e linguagem, que adquiria sem qualquer demonstração de esforço ou, na verdade, de especial interesse. Quanto a seu caráter, só posso oferecer observações muito limitadas. Certamente não era de natureza muito sociável e não gostava de se misturar com os colegas, os quais, por sua vez, o olhavam com certa suspeição. De sua parte, Roderick comportava-se com desdém em relação aos colegas de

turma, às vezes beirando o desprezo. Se for para especular, eu diria que essa atitude provinha de sua superioridade acadêmica. Dito isso, sempre o tive como um aluno cortês e respeitoso, nada propenso a um comportamento indisciplinado. Como marca dessa minha alta consideração por seus talentos acadêmicos, quando ele tinha dezesseis anos visitei seu pai para sugerir que Roderick continuasse os estudos, e que ele poderia, com o tempo, chegar a algo mais adequado a suas aptidões do que trabalhar a terra. Lamento dizer que minha proposta recebeu pouca atenção por parte de seu pai, que achei ser uma pessoa reticente e pouco inteligente.

Não vi Roderick desde aquela época. Ouvi alguns boatos perturbadores sobre os maltratos a um carneiro que estava a seu encargo, mas não posso me pronunciar quanto à sua veracidade, apenas declaro que, a meu ver, Roderick é um rapaz gentil, não dado ao comportamento cruel que às vezes se vê em outros da sua idade. Por esse motivo acho difícil acreditar que possa ter sido capaz de realizar os crimes dos quais foi acusado recentemente.

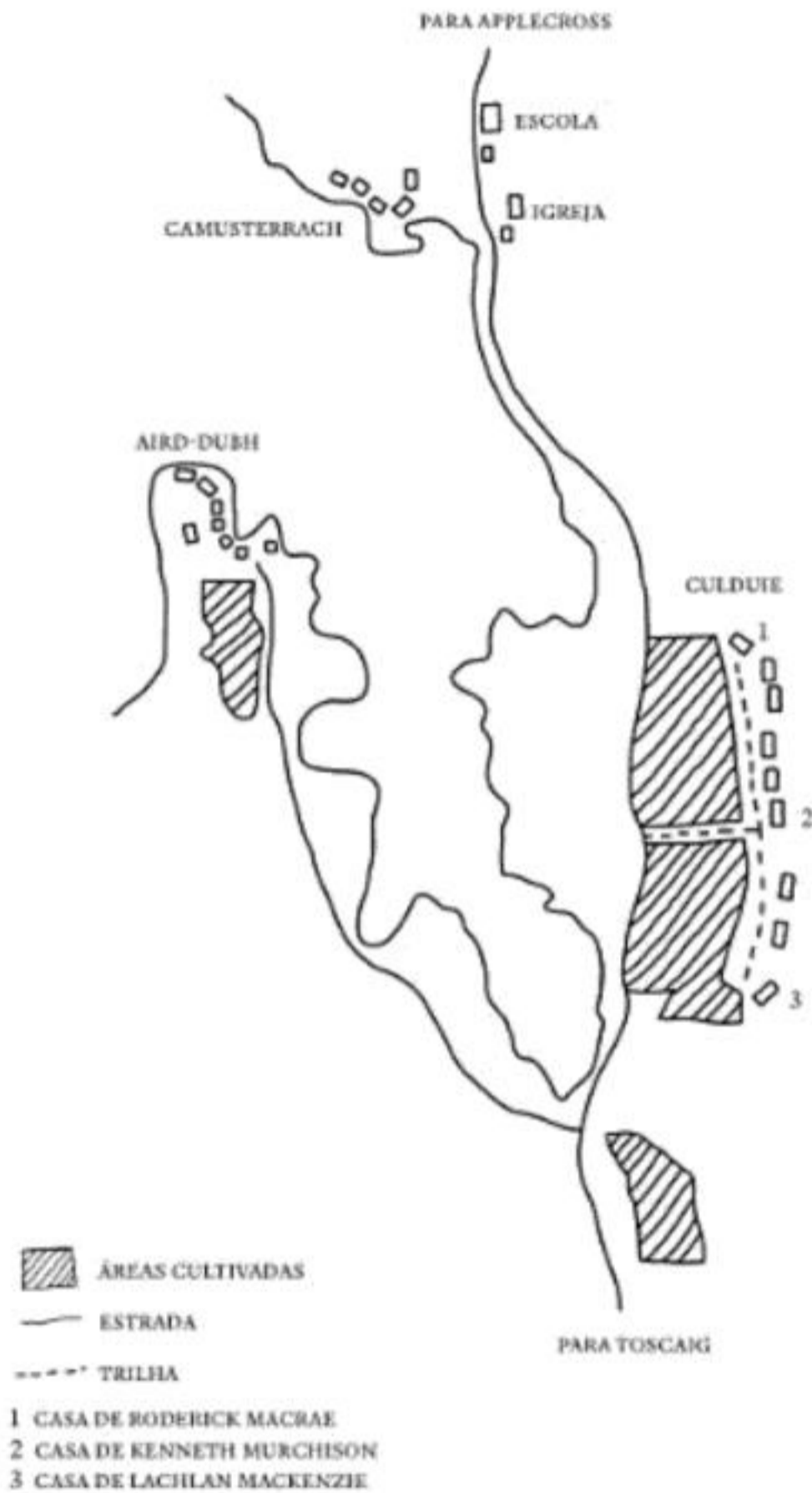
Depoimento de Peter Mackenzie, primo em primeiro grau de Lachlan Mackenzie [Lachlan Broad], residente em Culduie, 12 de agosto de 1869

Roderick Macrae é a pessoa mais perversa que alguém pode ter o infortúnio de conhecer. Mesmo quando era pequeno havia nele um espírito ruim, do tipo que ninguém acreditaria ser possível numa criança. Durante muitos anos todos pensavam que era mudo, capaz de manter uma estranha ligação só com a irmã, outra muito esquisita e parceira dele em questão de maldade. Geralmente era tido na paróquia como um imbecil, mas eu mesmo o considerava uma criatura totalmente maldosa, e suas recentes ações dão sustentação a essa ideia. Desde cedo ele era dado a maltratar cruelmente animais e aves, e a atos arbitrários de destruição no entorno do vilarejo. Ele era astucioso como o

Diabo. Numa ocasião, quando tinha talvez doze anos, irrompeu um incêndio num anexo à casa de meu primo Aeneas Mackenzie, destruindo um número de valiosas ferramentas e certa quantidade de grãos. O menino tinha sido visto na vizinhança da construção, mas negou ter sido o responsável, e o Black Macrae [seu pai, John Macrae] jurou que não perdera o filho de vista na hora em questão. Com isso ele escapou do castigo, mas, como em muitos outros incidentes, não havia dúvida de que era o culpado. Seu pai também é um débil mental, que esconde sua idiotia com uma zelosa devoção às Escrituras e uma subserviente deferência ao pastor.

Eu não estava presente em Culduie no dia dos assassinatos e só soube deles quando voltei, naquela noite.

Mapa de Culduie e áreas adjacentes
segundo mapa da Agência de Cartografia, de 1875,
pelo capt. MacPherson, gravado em 1878



O relato de Roderick Macrae

Estou escrevendo a mando de meu advogado, o sr. Andrew Sinclair, que desde minha prisão aqui em Inverness tratou-me com um grau de civilidade que de forma alguma eu mereço. Minha vida foi curta e de pouca relevância, e não tenho vontade de absolver a mim mesmo da responsabilidade pelos atos que cometi ultimamente. Assim, não é por outro motivo senão o de retribuir a bondade de meu advogado comigo que registro estas palavras no papel.

O sr. Sinclair instruiu-me a relatar, com a maior clareza possível, as circunstâncias que cercam o assassinato de Lachlan Mackenzie e dos outros, e farei isso com o melhor de minha capacidade, desculpando-me antecipadamente pela pobreza de meu vocabulário e a rudeza de meu estilo.

Começarei dizendo que realizei esses atos com o único propósito de livrar meu pai das atribulações que estava sofrendo ultimamente. A causa dessas atribulações era o nosso vizinho, Lachlan Mackenzie, e foi para melhorar a situação de minha família que eu o removi deste mundo. Devo declarar em seguida que desde minha própria entrada neste mundo não fui senão uma praga na vida do meu pai, e minha partida de sua casa só pode ser uma bênção para ele.

Meu nome é Roderick John Macrae. Nasci em 1852 e sempre vivi no povoado de Culduie, em Ross-shire. Meu pai, John Macrae, é um agricultor arrendatário de boa posição na paróquia, que não merece ser manchado pela ignomínia das ações pelas quais sou o único responsável. Minha mãe, Una, nasceu em 1832 no município de Toscaig, cerca de três quilômetros ao sul de Culduie. Ela morreu no parto de meu irmão, Iain, em 1868, e é este acontecimento que, no meu entender, marca o início de nossos problemas.

Culduie é uma jurisdição com nove casas, situada na paróquia de Applecross. Fica cerca de oitocentos metros ao sul de Camusterrach, onde se localizam a igreja e a escola nas quais recebi minha educação. Como há uma hospedaria e um empório na vila de Applecross, poucos viajantes se aventuram a ir até Culduie. Na entrada da baía de Applecross está a Casa Grande, onde reside lorde Middleton, e lá ele entretém seus hóspedes durante a temporada de caça. Não há espetáculos ou entretenimentos que atraiam visitantes em Culduie. A estrada que passa por nossa jurisdição leva a Toscaig e para lugar nenhum mais além, e em consequência temos pouco contato com o mundo exterior.

Culduie fica a cerca de trezentos metros do mar, aninhada no sopé do *Càrn nan Uaighean*. Entre a aldeia e a estrada há uma faixa de terra fértil, que é cultivada pelos aldeões. Mais alto, nas montanhas, ficam as pastagens de verão e os charcos de turfa que nos suprem de combustível. Culduie está um tanto protegida de um clima mais severo pelo promontório de Aird-Dubh, que se projeta mar adentro, formando um porto natural. A aldeia de Aird-Dubh é pobremente servida de terra arável, e as pessoas lá em sua maior parte se dedicam à pesca como meio de subsistência. Entre essas duas comunidades ocorre, em certa medida, uma permuta de trabalho e de mercadorias, porém, apesar desse contato necessário, mantemos distância uns dos outros. Segundo meu pai, o povo de Aird-Dubh é desmazelado em seus hábitos e de baixo nível moral, e só com muita relutância ele faz negócio com eles. Assim como todos que se dedicam ao comércio da pesca, os homens lá se entregam a um desenfreado consumo de uísque, e suas mulheres são notoriamente devassas. Tendo estudado com crianças dessa aldeia, posso atestar que, embora pouca coisa os diferencie de nossa própria gente, eles são desonestos e não se pode confiar neles.

Na junção da trilha que liga Culduie à estrada fica a casa de Kenny Smoke, a qual, sendo a única a ostentar um telhado de ardósia, é a mais bonita da aldeia. As outras oito casas são

construções de pedra reforçadas com turfa e possuem telhados de sapé. Toda casa tem uma ou duas janelas envidraçadas. A de minha família é a que fica mais ao norte na aldeia, e num certo ângulo, de modo que enquanto as outras casas olham na direção da baía, a nossa está de frente para a aldeia. A casa de Lachlan Broad está situada na extremidade oposta da rua de terra que atravessa a cidade e, depois da de Kenny Smoke, é a segunda maior na aldeia. Além dessas já mencionadas, as outras casas são ocupadas por mais duas famílias do clã Mackenzie; pela família MacBeath; pelo sr. e pela sra. Gillanders, cujos filhos foram todos embora; por nosso vizinho, o sr. Gregor e sua família; e pela sra. Finlayson, uma viúva. Além das nove casas, há várias construções anexas, muitas delas rudimentares, usadas como abrigo de animais, depósito de ferramentas e coisas do gênero. Nossa comunidade não vai além disso.

A casa da minha família tem dois recintos. A maior parte consiste num *byre*, e, à direita da porta, nas dependências em que vivemos. O assoalho é um pouco inclinado para baixo, em direção ao mar, o que impede que excrementos de animais penetrem em nossos recintos. O *byre* é dividido por uma balaustrada feita de pedaços de madeira apanhados na costa. No meio da área de estar fica o fogo e, mais além, a mesa onde fazemos nossas refeições. Além da mesa, nosso mobiliário consiste em dois sólidos bancos, a poltrona de meu pai e uma grande cômoda de madeira, que pertenceu à família de minha mãe antes de ela se casar. Eu durmo num beliche no canto mais afastado da sala, com meu irmão e minha irmã mais jovens. O segundo cômodo, na parte de trás, é onde dormem meu pai e minha irmã mais velha; ela, Jetta, numa cama em forma de caixa que meu pai construiu para essa finalidade. Eu invejo a cama de minha irmã e frequentemente sonho em deitar lá com ela, mas no cômodo principal é mais quente, e nos meses negros de inverno, quando os animais ficam dentro de casa, gosto de ouvir os sons delicados que eles fazem. Nós temos duas vacas leiteiras e seis ovelhas, que é o que nos é permitido pela divisão das pastagens comunitárias.

Devo declarar logo no início que havia alguma animosidade entre meu pai e Lachlan Mackenzie muito antes de eu nascer. Não posso atestar quanto à origem dessa animosidade, pois meu pai nunca falou sobre isso. Tampouco sei a quem cabe a culpa; nem se essa inimizade surgiu durante a vida deles ou é produto de um rancor mais antigo. Nestas paragens não é incomum que se acalentem ressentimentos muito tempo depois que sua causa original foi esquecida. Fica meu pai com o crédito de nunca ter se empenhado em perpetuar essa rixa fazendo proselitismo junto a mim ou outros membros de nossa família. Por esse motivo, qualquer que fosse o ressentimento existente entre as duas famílias, acredito que ele preferisse deixar para lá.

Quando pequeno eu tinha um medo terrível de Lachlan Broad e evitava me aventurar além da junção em direção à extremidade da aldeia, onde se concentravam os membros do clã dos Mackenzie. Além da família de Lachlan havia a de seu irmão, Aeneas, e a de seu primo, Peter, e esses três são notórios por suas farras e frequente envolvimento em brigas na hospedaria de Applecross. Os três eram sujeitos muito poderosos, que se compraziam em saber que as pessoas se afastavam para deixá-los passar. Em certa ocasião, quando eu tinha cinco ou seis anos, estava soltando uma pipa que meu pai tinha feito para mim de alguns retalhos de aniagem. A pipa caiu no meio de uma plantação e, sem pensar no que estava fazendo, corri para resgatá-la. Eu estava ajoelhado, tentando desembaraçar a linha dos pés de milho quando me senti agarrado no ombro por uma mão muito grande, e arrastado com truculência para o caminho no meio da plantação. Eu ainda estava agarrando minha pipa e Lachlan Broad a arrancou de mim e a jogou no chão. Depois me bateu no lado da cabeça com a palma da mão, me derrubando. Eu senti tanto medo que perdi o controle de minha bexiga, o que deixou nosso vizinho muito contente. Ele então me pegou e arrastou por toda a aldeia, e repreendeu meu pai pelo dano que eu tinha causado a sua plantação. Essa comoção toda fez minha mãe vir até a porta, e àquela altura Broad me soltou de suas mãos e eu saí correndo para dentro de casa como um cão assustado e

fiquei todo encolhido no *byre*. Mais tarde, naquela noite, Lachlan Broad voltou a nossa casa e exigiu cinco shillings como indenização pelo pedaço do milharal que eu tinha destruído. Eu estava escondido no quarto dos fundos com a orelha colada na porta. Minha mãe recusou, alegando que se houve algum dano na plantação era porque ele tinha me arrastado por seu *rig*. Broad então levou sua reclamação ao policial, que a desconsiderou. Certa manhã, alguns dias depois, meu pai descobriu que uma grande porção de nossa plantação tinha sido pisoteada durante a noite. Não se soube quem tinha feito aquela destruição, mas ninguém tinha dúvida de que foram Lachlan Broad e seus parentes.

Quando fiquei mais velho, nunca mais entrei na extremidade inferior da aldeia sem que me acompanhasse um mau pressentimento, e essa sensação nunca me abandonou.

Meu pai nasceu em Culduie e quando menino viveu na casa em que moramos hoje. Pouco sei sobre sua infância, apenas que raramente ia à escola, e que então havia dificuldades que minha geração não conheceu. Nunca vi meu pai fazer mais do que assinar seu nome e, embora ele insistisse que sabia escrever, a pena ficava desajeitada em sua mão. De qualquer maneira, ele quase nunca precisa escrever. Não há nada que ele precise botar no papel. Meu pai tem o costume de nos lembrar da sorte que é ter nascido nos tempos atuais, com os luxos do chá, do açúcar e de outras mercadorias que se compram em lojas.

O pai de minha mãe era um carpinteiro que construía móveis para comerciantes em Kyle of Lochalsh e Skye, e navegava com suas mercadorias ao longo da costa. Durante alguns anos meu pai teve uma participação como terceiro sócio num barco pesqueiro que ficava ancorado em Toscaig. Os outros sócios nesse negócio eram seu próprio irmão, Iain, e o irmão de minha mãe, que também se chamava Iain. O barco chamava-se *O Atobá*, mas era sempre referido como “Os Dois Iains”, o que irritava meu pai, que era o mais velho dos três e, em virtude disso, se achava o líder do empreendimento. Quando moça, minha mãe

gostava de ir até o píer para receber *Os Dois Iains*. Presumia-se que ia dar boas-vindas ao irmão, mas seu verdadeiro propósito era observar meu pai quando ele saía do barco, um pé à frente pairando acima da água enquanto esperava a ondulação que impulsionaria o barco até o atracadouro. Ele então amarrava a corda no mourão e puxava o barco até o paredão, tudo isso realizado como se não soubesse que estava sendo observado. Meu pai não era um homem bonito, mas a maneira descansada e sem pressa com que desempenhava a tarefa de amarrar o barco ganhou a admiração de minha mãe. Havia alguma coisa em seus cintilantes olhos escuros, ela gostava de nos contar, que a deixava com um espasmo na garganta. Quando meu pai estava presente, ele dizia a minha mãe que parasse com aquela tagarelice, mas o fazia num tom que revelava o prazer que sentia ao ouvir aquilo.

Nossa mãe era a grande beldade da paróquia, e poderia ter escolhido qualquer um dos rapazes. Em consequência, meu pai era tímido demais para ao menos dirigir-lhe a palavra. Num final de tarde, já perto do fim da temporada de pesca do arenque, em 1850, uma tempestade atingiu o pequeno barco, que se chocou com rochas alguns quilômetros ao sul do porto. Meu pai conseguiu nadar e se salvar, mas os dois Iains não sobreviveram. O pai nunca falou sobre o incidente, porém nunca mais pôs o pé num barco, nem permitia que seus filhos o fizessem. Aos que ignoravam esse episódio de seu passado, deve ter parecido que ele tinha um medo irracional do mar. Foi devido a esse incidente que, em nossa região, passou a ser considerado nefasto empreender qualquer negócio com alguém do mesmo nome. Até mesmo meu pai, que despreza superstição, evita fazer negócio com quem tenha o seu nome.

Na reunião que se seguiu ao funeral de meu tio, meu pai aproximou-se de minha mãe para expressar suas condolências. Ela parecia tão desamparada que ele lhe disse que de bom grado tomaria o lugar do irmão dela no caixão. Estas foram as primeiras palavras que ele dirigiu a ela. Minha mãe respondeu que estava contente que tivesse sido ele a sobreviver, e que tinha orado

pedindo perdão por seus perversos pensamentos. Eles se casaram três meses mais tarde.

Minha irmã Jetta nasceu menos de um ano depois do casamento de meus pais e eu a segui sem demora, saindo do útero de minha mãe tão rápido quanto a natureza permite. Essa pequena diferença de idade alimentou uma forte ligação entre mim e minha irmã, que dificilmente seria maior se fôssemos gêmeos autênticos. Na aparência exterior, contudo, dificilmente poderíamos ser mais diferentes. Jetta tinha o rosto longo, esguio, e a boca larga de minha mãe. Seus olhos, como os de minha mãe, eram azuis e ovais, e seu cabelo amarelo como areia. Quando minha irmã chegou à idade adulta, as pessoas costumavam comentar que quando minha mãe olhava para Jetta devia pensar estar olhando para sua *fetch*. Eu, de minha parte, herdei as sobrancelhas grossas de meu pai, o cabelo muito preto e os olhos pequenos e escuros. Quanto ao resto, temos estruturas semelhantes, nossa estatura é mais baixa do que a média, e temos um torso amplo e ombros largos.

Da mesma forma, nossos temperamentos espelham-se nos de nossos pais, sendo Jetta bem alegre e sociável, e eu tido como um rapaz taciturno e sombrio. Além de sua semelhança com minha mãe em aparência e caráter, Jetta compartilha com ela uma grande sensibilidade para o Outro Mundo. Não posso dizer se nasceu com esse dom ou se o aprendeu de alguns ensinamentos secretos de minha mãe, mas ambas tinham propensão para visões e interessavam-se por presságios e encantamentos. Na manhã da morte de seu irmão, minha mãe viu um lugar vazio no banco em que ele se sentava para o desjejum. Temendo que seu mingau esfriasse, ela saiu e chamou por ele. Como não respondeu, tornou a entrar e o viu sentado em seu lugar à mesa, envolto num lençol cinza-claro. Quando ela perguntou onde tinha estado, ele respondeu que em lugar nenhum, a não ser no banco em que estava sentado. Ela implorou-lhe que não saísse para o mar naquele dia, mas ele riu da sugestão, e ela, sabendo que não se pode negociar com a providência, não disse mais nada. Minha mãe frequentemente

contava essa história, mas apenas quando meu pai não estava ouvindo, pois ele não acreditava nesses acontecimentos misteriosos e não aprovava que ela falasse sobre essas coisas.

A vida cotidiana de minha mãe era governada por rituais e encantamentos destinados a repelir a má sorte e coisas malfadadas e perigosas. As portas e janelas de nossa casa eram ornadas com raminhos de sorveira-brava e zimbro, e escondido em seu cabelo, para que meu pai não visse, usava um trançado de fios coloridos.

Durante os meses negros de inverno, mais ou menos a partir dos oito anos de idade, eu frequentei a escola em Camusterrach. Ia andando até lá toda manhã, de mãos dadas com Jetta. Nossa primeira professora foi a srta. Galbraith, que era filha do ministro. Era jovem, esguia e usava saia longa e blusa branca, com um babado no pescoço, preso na garganta por um broche em que havia a figura de um perfil de mulher. Tinha um avental preso em torno da cintura, que usava para limpar as mãos depois de escrever no quadro-negro. Seu pescoço era muito comprido e quando ela estava pensando erguia os olhos e inclinava a cabeça para um lado, de modo que ele fazia uma curva, como o cabo de um *cas chrom*. Usava o cabelo preso com grampos no topo da cabeça. Quando estávamos fazendo a lição, ela deixava o cabelo cair e segurava os grampos na boca enquanto o prendia de volta. Fazia isso três ou quatro vezes por dia, e eu tinha prazer em observá-la secretamente. A srta. Galbraith era gentil e falava com uma voz suave. Quando os meninos mais velhos não se comportavam bem, ela tinha grande dificuldade em fazê-los parar, e só conseguia isso ameaçando ir buscar o pai dela.

Jetta e eu éramos praticamente inseparáveis. A srta. Galbraith comentava frequentemente que eu, se pudesse, entraria no bolso do avental de minha irmã. Nos primeiros anos eu falava muito raramente. Se a srta. Galbraith ou algum de meus colegas de classe me dirigia a palavra, Jetta respondia por mim. Era notável a exatidão com que ela expressava meus pensamentos. A srta. Galbraith era indulgente com esse hábito e muitas vezes perguntava a Jetta, “Será que Roddy sabe a resposta?”. Tal

proximidade entre nós isolava-nos de nossos colegas. Não posso falar por Jetta, mas eu não tinha vontade de fazer amizade com outras crianças, e elas não demonstravam querer fazer amizade comigo.

Às vezes nossos colegas de classe nos rodeavam no pátio e cantavam:

Aqui estão os Black Macraes, os sujos Black Macraes.

Aqui estão os Black Macraes, os imundos Black Macraes.

“Black Macraes” era o apelido dado à família de meu pai, por causa, alegava ele, de sua pele morena. Meu pai detestava essa designação e jamais respondia caso alguém se dirigisse a ele dessa maneira. Não obstante, todos o conheciam como Black Macrae, e outro motivo para divertimento na aldeia foi que, devido ao cabelo louro de minha mãe, ela ficou conhecida como Una Black.

Eu também não gostava desse nome e achava que era particularmente uma injustiça ele ter sido atribuído a minha irmã. Se os cantos de nossos colegas não paravam até o fim do recreio, eu partia para cima de quem estivesse na minha frente, ação que só servia para aumentar o regozijo de nossos atormentadores. Eu então era empurrado e jogado ao solo e recebia os chutes e as pancadas dos outros garotos, feliz por ter desviado a atenção de Jetta.

Roddy Black, Roddy Black, é imbecil esse moleque!

Estranhamente, me agradava ser o centro da atenção daquela maneira. Eu compreendia que era diferente de meus colegas e cultivava exatamente as características que me diferenciavam deles. Durante o recreio, para livrar Jetta das caçadas, eu me separava dela e ficava de pé ou agachado num canto do pátio. Observava os outros garotos, zumbindo feito moscas, indo atrás de bolas ou lutando uns com os outros. As garotas também se ocupavam com jogos, mas esses pareciam menos violentos e

estúpidos que os dos garotos. Tampouco tinham a mania de começar a jogar assim que chegavam no pátio, ou de continuar jogando depois de a srta. Galbraith ter tocado a campainha para terminar o recreio. Algumas vezes, as garotas ficavam bem tranquilas e se juntavam para não fazer nada além de conversar aos sussurros. Acontecia de eu buscar a companhia delas, mas era invariavelmente expulso. Na classe, eu zombava interiormente de meus colegas quando eles espetavam as mãos no ar para responder às mais óbvias perguntas da professora, ou se esforçavam para ler as frases mais simples. À medida que fomos crescendo, meu conhecimento começou a superar o de minha irmã. Um dia, durante uma aula de geografia, a srta. Galbraith perguntou se alguém era capaz de lhe dizer qual era o nome que se dava às duas metades da Terra. Quando ninguém respondeu, ela voltou-se para Jetta: “Quem sabe Roddy tem a resposta”. Jetta olhou para mim e depois respondeu: “Sinto muito. Roddy não sabe, nem eu”. A srta. Galbraith parecia estar desapontada e se virou para escrever a palavra no quadro-negro. Sem pensar, eu me levantei e gritei, “Hemisfério!”, provocando risos nos meus colegas. A srta. Galbraith virou-se e eu repeti a palavra enquanto tornava a sentar. A professora anuiu e cumprimentou-me pela resposta. A partir daquele dia Jetta parou de falar por mim, e, relutante em fazer isso por contra própria, fiquei um tanto alienado.

A srta. Galbraith casou com um homem que tinha vindo para as caçadas na propriedade de lorde Middleton, e deixou Camusterrach para viver em Edimburgo. Eu gostava muito da srta. Galbraith e fiquei triste por ela ir embora. Depois veio o sr. Gillies. Era jovem, alto e magro, com cabelos finos e bonitos. Não se parecia em nada com os homens destas paragens, que na maioria são baixos e atarracados, com cabelo espesso e preto. Estava sempre bem barbeado e usava óculos ovais. O sr. Gillies era um homem muito instruído, que tinha estudado na cidade de Glasgow. Além das aulas de leitura, escrita e cálculo, ele nos ensinava ciências e história, e às vezes, à tarde, nos contava histórias sobre monstros e deuses da mitologia grega. Cada deus

tinha um nome e alguns eram casados e tinham filhos que também eram deuses. Um dia perguntei ao sr. Gillies como poderia haver mais de um deus, e ele disse que os deuses gregos não eram como o nosso Deus. Eram apenas seres imortais. Mitologia era uma palavra que significava que aquilo não era realmente verdadeiro; eram só histórias para a gente se distrair.

Meu pai não gostava do sr. Gillies. Ele, para seu próprio bem, deveria ser menos inteligente, e ensinar crianças não era trabalho apropriado para um homem. Verdade que não consigo imaginar o sr. Gillies cortando turfa ou empunhando um *flaughter*, mas o professor e eu nos entendíamos de modo especial. Ele só me chamava quando nenhum de meus colegas era capaz de lhe dar uma resposta, e sabia muito bem que se eu preferia não erguer a mão não era porque não soubesse a resposta, mas porque não queria parecer mais sabido que meus colegas. Frequentemente o sr. Gillies me passava tarefas diferentes das de outros alunos, e eu respondia me esforçando muito para agradá-lo. Uma tarde, depois das aulas, ele pediu que eu ficasse. Permaneci em meu lugar no fundo da classe enquanto os outros saíam ruidosamente. Ele então me chamou a sua mesa. Eu não conseguia imaginar o que tinha feito de errado, mas não poderia haver outro motivo para ser tratado daquela maneira. Talvez eu fosse ser culpado por algo que não tinha feito. Resolvi que não ia negar nada e aceitar qualquer castigo que me fosse aplicado.

O sr. Gillies baixou sua pena e perguntou-me quais eram meus planos. Não era uma pergunta que alguém de nossas paragens faria. Fazer planos seria um insulto à providência. Eu não disse nada, e o sr. Gillies tirou seus pequenos óculos.

“Estou me referindo”, disse ele, “ao que você pretende fazer quando terminar a escola.”

“Somente aquilo que me for destinado”, eu disse.

O sr. Gillies franziu a testa. “E o que você acha que lhe está destinado?”

“Não saberia dizer”, respondi.

“Roddy, apesar de todos os seus esforços para ocultá-los,

Deus lhe concedeu alguns dons incomuns. Seria um pecado não fazer uso de todos eles.”

Fiquei surpreso ao ouvir o sr. Gillies fundamentar seus argumentos naqueles termos, já que geralmente ele não era dado a conversas sobre religião. Como não fiz menção de responder, ele adotou uma abordagem mais direta.

“Você pensou em continuar sua educação? Não tenho dúvida de que tem a aptidão necessária para vir a ser um professor, ou um pastor, ou qualquer coisa que escolha.”

Claro que eu nunca tinha considerado nada disso, e disse a ele.

“Talvez você devesse conversar sobre isso com seus pais”, disse ele. “Pode dizer a eles que eu acredito que você tem o potencial necessário.”

“Mas eu sou necessário no sítio”, eu disse.

O sr. Gillies soltou um longo suspiro. Parecia estar prestes a dizer mais alguma coisa, mas reconsiderou, e eu senti que o tinha desapontado. Quando caminhava para casa, repassei o que ele havia dito. Não posso negar que me sentia gratificado pelo professor ter falado comigo daquela maneira, e enquanto durou o percurso entre Camusterrach e Culduie eu me imaginei numa bela sala de estar em Edimburgo ou Glasgow, vestido com as roupas de cavalheiro, conversando sobre assuntos da maior importância. Não obstante, o sr. Gillies estava enganado ao supor que algo assim fosse possível para alguém nascido em Culduie.

O sr. Sinclair pediu-me que eu estabelecesse a “cadeia de acontecimentos” que levou ao assassinato de Lachlan Broad. Pensei cuidadosamente em qual poderia ser o primeiro elo dessa cadeia. Pode-se dizer que começou com meu próprio nascimento, ou ainda antes, quando meus pais se conheceram e se casaram, ou com o naufrágio de *Os Dois Iains*, que acabou por uni-los. No entanto, embora seja verdade que, se qualquer um desses eventos não tivesse ocorrido, Lachlan Broad hoje estaria vivo — ou pelo menos não teria sido morto por mim —, ainda é

possível conceber que as coisas poderiam ter seguido um rumo diferente. Se eu tivesse seguido o conselho do sr. Gillies, por exemplo, poderia ter ido embora de Culduie antes que ocorressem os eventos que serão aqui relatados. Tentei, portanto, identificar o momento no qual a morte de Lachlan Broad tornou-se inevitável; isto é, o momento em que eu não pude conceber qualquer outro resultado. Esse momento chegou, creio eu, com a morte de minha mãe há cerca de dezoito meses. Este foi o manancial do qual tudo o mais se seguiu. Não é, pois, para provocar a piedade do leitor que eu agora descrevo esse evento. Não desejo e nem me serve de nada a piedade alheia.

Minha mãe era uma pessoa animada e de boa índole, que fazia o melhor que podia para fomentar um ambiente alegre em nossa casa. Desempenhava suas tarefas diárias cantando e, quando um dos filhos ficava doente ou machucado, ela fazia o possível para aliviar a situação e para que não ficássemos só pensando nisso. Pessoas vinham frequentemente à nossa casa e eram sempre recebidas com um *strupach*. Se nossos vizinhos estavam reunidos em torno da mesa, meu pai era hospitaleiro o bastante, mas raramente se juntava a eles, preferindo ficar de pé, antes de anunciar que, mesmo que eles não tivessem, ele tinha trabalho a fazer; observação que invariavelmente tinha o efeito de precipitar a dissolução do grupo. É um mistério o motivo de minha mãe ter se casado com alguém tão desagradável quanto meu pai, já que poderia ter escolhido o homem que quisesse na paróquia. Mesmo assim, graças a seus esforços, devíamos, na época, parecer vagamente uma família feliz.

Meu pai ficou um tanto surpreso quando minha mãe engravidou pela quarta vez. Ela tinha então trinta e cinco anos de idade, e tinham se passado dois anos desde o nascimento dos gêmeos. Lembro muito claramente a noite em que começou seu trabalho de parto. Chovia e ventava muito lá fora e minha mãe estava lavando a louça do jantar quando uma poça de líquido apareceu a seus pés, e ela disse ao meu pai que tinha chegado a hora. A parteira, que morava em Applecross, foi chamada, e eu fui mandado para a casa de Kenny Smoke junto com os gêmeos.

Jetta ficou, para ajudar no parto. Antes de eu sair de casa ela me chamou ao quarto dos fundos para beijar minha mãe. Mamãe agarrou minha mão e disse-me que deveria ser um bom menino e cuidar de meus irmãos. O rosto de Jetta tinha uma palidez cinzenta e os olhos estavam anuviados de medo. Em retrospecto, creio que ambas tiveram a premonição de que a morte nos faria uma visita naquela noite, mas eu nunca levantei essa questão com Jetta.

Não dormi um só instante naquela noite, mas fiquei deitado no colchão que tinham preparado para mim, com os olhos fechados. Pela manhã, Carmina Smoke me informou, em meio a muito choro, que minha mãe tinha falecido durante a noite devido a alguma complicação no parto. O bebê sobreviveu e foi enviado para a família de minha mãe em Toscaig, para ser criado pela irmã dela. Nunca conheci esse irmão, nem quero conhecer. Houve uma manifestação geral de pesar em nossa aldeia, pois a presença de minha mãe era como a luz do sol que nutre as colheitas.

Esse acontecimento trouxe um grande número de mudanças em nossa família. A principal delas foi o ambiente geral de tristeza que baixou em nossa casa e pairava no ar como um cheiro ruim. Meu pai foi o que menos mudou entre nós, em grande parte porque nunca fora muito dado à jovialidade. Mesmo quando usufruíamos de alguns momentos de diversão coletiva, o riso dele era sempre o primeiro a se apagar. Ele baixava os olhos, como se esse momento de prazer o envergonhasse. Agora, no entanto, seu rosto tinha adquirido um ar de inalterável desolação, como se tivesse sido fixado por uma mudança no vento. Não quero retratar meu pai como uma pessoa dura e insensível, nem tenho dúvida de que a morte de sua mulher o afetou profundamente. O caso é que ele estava mais adaptado à infelicidade, e o fato de não mais sentir-se obrigado a fingir ter prazer neste mundo foi um alívio para ele.

Nas semanas e meses após o funeral, o reverendo Galbraith era um visitante frequente em nossa casa. O pastor é uma figura impressionante, invariavelmente vestido numa sobrecasaca

preta, camisa branca com colarinho duro, mas sem gravata. Seu cabelo branco está sempre bem cortado e as suíças crescem densas em suas bochechas, mas da mesma forma bem aparadas. Tem olhos pequenos e escuros, que, como diz o povo, parecem ter o poder de penetrar na mente das pessoas. Eu mesmo evitava seu olhar, mas sem dúvida ele era capaz de discernir os pensamentos malévolos que eu tinha frequentemente. Falava numa voz sonora, ritmada, e embora seus sermões estivessem muitas vezes além de minha compreensão, não eram desagradáveis de ouvir.

No serviço religioso do funeral de minha mãe, ele fez um longo discurso cujo tema era o martírio. O homem, disse ele, não só tinha a culpa do pecado, como era escravo do pecado. Nós nos pusemos a serviço de Satã e carregávamos as correntes do pecado em torno de nosso pescoço. O sr. Galbraith pediu que olhássemos para o mundo a nossa volta, com suas incontáveis misérias. “O que significa”, perguntou, “a doença e o descontentamento, a pobreza e a dor da morte que testemunhamos todo dia?” A resposta, ele disse, era que essas inquietudes eram todas fruto de nosso pecado. O homem, sozinho, é impotente para se livrar do jugo do pecado. Por essa razão precisamos de um redentor: um libertador sem o qual pereceremos todos.

Após o sepultamento de minha mãe, formamos uma procissão solene atravessando a charneca. O dia, como se apresenta com frequência nestas paragens, estava totalmente cinzento. O céu, as montanhas de Raasay e as águas da enseada ofereciam não mais que pequenas variações de seus matizes. Meu pai não chorou nem durante o sermão nem depois dele. Seu rosto adotou o molde empedernido do qual, daquele momento em diante, raramente se desviaria. Não tenho dúvida de que as palavras do sr. Galbraith tinham-no emocionado muito. De minha parte, eu estava bem certo de que não fora devido aos pecados de meu pai que nossa mãe fora levada, mas devido aos meus. Fiquei refletindo sobre o sermão do sr. Galbraith e resolvi, naquele lugar e naquele momento, com o solo cinzento sob

meus pés, que quando tivesse a oportunidade eu me tornaria o redentor de meu pai e o livraria do estado miserável ao qual meus pecados tinham-no reduzido.

Alguns meses depois, o sr. Galbraith recebeu meu pai como um fiel de destaque na igreja, por ele ter aceitado que seu sofrimento era uma retribuição justa à natureza pecaminosa de sua vida. O sofrimento de meu pai era instrutivo para a congregação, para a qual era benéfico vê-lo exibido de modo proeminente na igreja. Acho que o sr. Galbraith ficou bem contente com a morte de minha mãe, pois era um testemunho da doutrina que ele professava.

Os gêmeos choraram constantemente por sua mãe, e, quando penso naquela época, seu choro incessante acompanha minhas lembranças. Devido à disparidade de nossas idades, eu nunca senti nada a não ser indiferença em relação a meus irmãos mais jovens, mas eles agora decididamente tinham despertado minha inimizade. Se um ficava quieto por um momento, o outro começava a chorar, atiçando o outro. Meu pai não tolerava essas lamentações das crianças e tentava silenciá-las com pancadas que só serviam para renovar seu berreiro. Lembro-me bem deles agarrados um ao outro em seu colchão, com um olhar de terror no rosto quando meu pai atravessava o quarto para bater neles. Eu deixava para Jetta a tarefa de intervir e se ela não estivesse lá para fazer isso bem posso imaginar meu pai levando os dois infelizes à morte. Sugeriu-se que os gêmeos também fossem mandados para Toscaig, mas meu pai não quis ouvir, insistindo que Jetta tinha idade bastante para fazer o papel de mãe deles.

Minha querida irmã Jetta sofreu uma grande transformação, como se uma *fetch* tivesse tomado seu lugar da noite para o dia. A garota alegre e encantadora foi substituída por uma figura taciturna e mal-humorada, encurvada nos ombros e vestida, por insistência de meu pai, de preto, como uma viúva. Jetta foi obrigada a assumir o papel de mãe e esposa, preparando as refeições e servindo meu pai como minha mãe tinha feito antes. Foi nessa época que meu pai decretou que Jetta dormisse no quarto dos fundos com ele, pois era agora uma mulher e merecia

um certo grau de privacidade em relação a seus irmãos. E, no entanto, meu pai a desdenhava, como se, por sua semelhança com a esposa falecida, ele sofresse ao olhar para ela.

Por ser a mais jovial entre nós, Jetta deve ter sentido mais profundamente o abatimento geral que tomou conta de nossa casa. Não sei se ela teve um prenúncio da morte de minha mãe, pois nunca falou comigo sobre isso, mas, em vez de abandonar os rituais e toda a parafernália que nada tinham feito para afastar esse infortúnio, ela se agarrou àquilo com mais fervor ainda. Eu não via qualquer eficácia nessas coisas, mas compreendia que Jetta tinha acesso às intimações do Outro Mundo, às quais eu era insensível. De modo semelhante, meu pai voltou-se mais ardorosamente para a leitura das Escrituras, e abandonou os modestos prazeres que antes se permitia ter, como se acreditasse que Deus o estava punindo pelas infrequentes vezes em que tomava um trago de uísque. Até onde eu entendia, a morte de minha mãe não demonstrou nada mais do que o absurdo de suas respectivas crenças.

À medida que as semanas iam passando, nenhum de nós quis ser o primeiro a amenizar o ambiente com alguma travessura ou alguns versos de uma canção, e quanto mais tempo passava, mais fixados ficávamos em nossos ânimos sombrios.

Minha mãe morreu no mês de abril, e algumas semanas depois eu estava sozinho no pasto, encarregado de tomar conta das ovelhas e do gado que pastavam lá. A tarde estava muito quente. O céu estava claro e as montanhas no outro lado da enseada tinham vários matizes de púrpura. O ar estava tão quieto que era possível ouvir o rumor das ondas do mar e o grito ocasional de crianças brincando muito longe, lá embaixo, na aldeia. Os animais que me encarregaram de vigiar tinham ficado indolentes com o calor e não iam para longe de uma hora para outra. Os novilhos preguiçosamente espantavam moscas com o rabo.

Eu estava deitado de costas nas urzes observando a lenta progressão das nuvens no céu. Estava contente por estar longe do sítio e de meu pai, que eu tinha deixado apoiado no cabo de